



Expulsos de casa por uma combinação de fazendeiros e administradores desonestos, os índios passaram três décadas espalhados pelo país, longe da terra onde nasceram

Desde 1982, quatro mil hectares de terra foram retomados. No entanto, os indígenas ainda lutam pela posse de mais 53 mil, a maior parte de seu território original

A DIÁSPORA DOS PATAXÓS

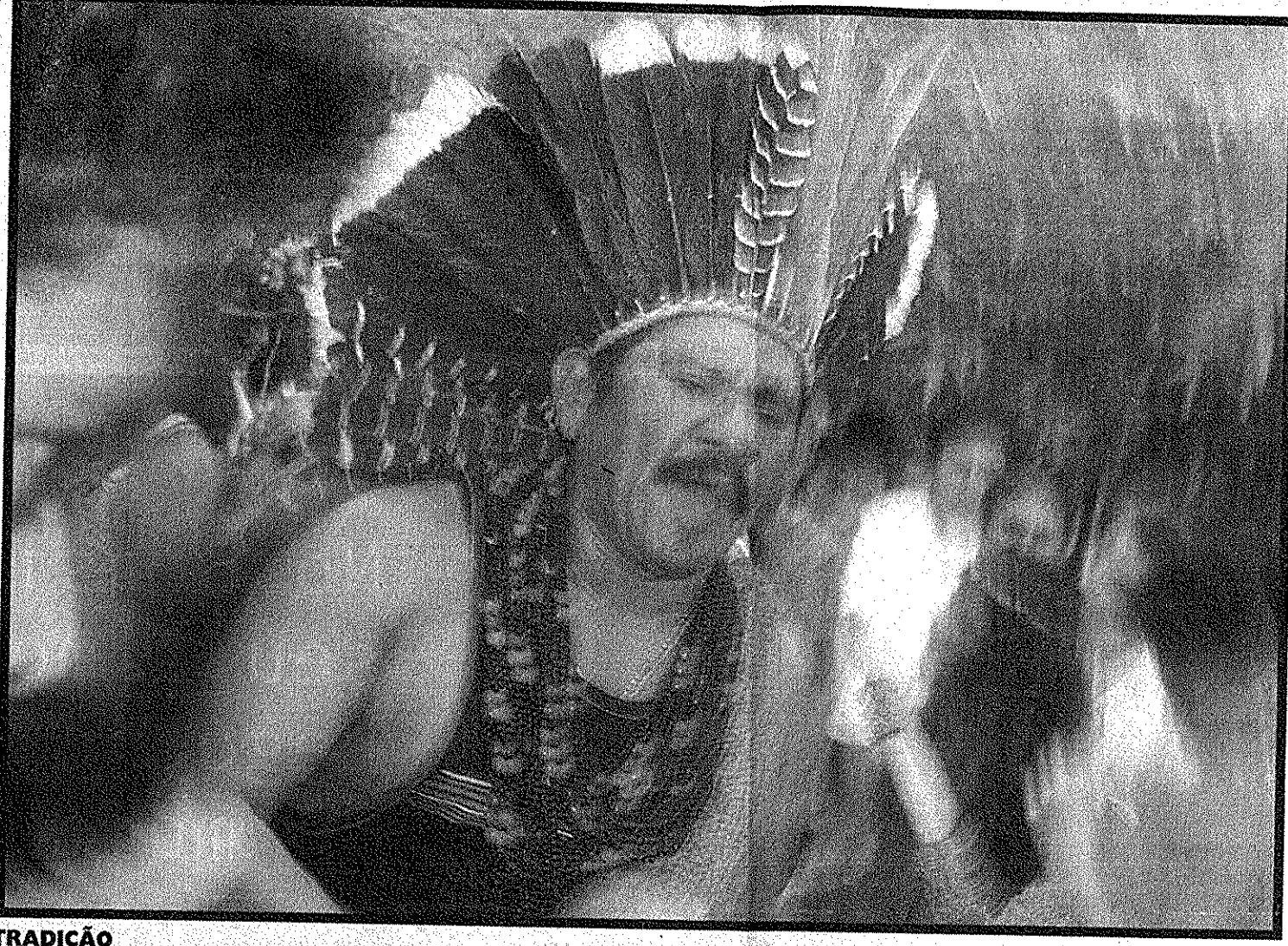
Cristina Ávila
 Enviada especial

Fotos: Wanderlei Pozzobom

Porto Seguro — Cartas cruzaram o Brasil. Centenas delas traçaram estradas entre Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e municípios do interior da Bahia. Eram cartas de parentes, que convidavam os Pataxós Hã-hã-hã a voltar para casa. Uma notícia há muito tempo esperada. Seria preciso enfrentar inimigos, mas era preciso voltar.

Foi assim que eles começaram a retomar suas terras. Famílias de longe eram convidadas a reunir-se para planejar o retorno a territórios tradicionais. Entrar nas fazendas, expulsar fazendeiros e ficar na terra. Em 3 de abril de 2000, tomaram uma aldeia do Monte Pascoal — aquele que foi o primeiro pedaço de terra brasileira avistada por Pedro Álvares Cabral.

Em março, os índios retomaram dez aldeias. Mais de 2 mil Pataxós já voltaram para seus territórios tradicionais desde 1982. Conseguiram apossar-se de 4 mil hectares de terras. A primeira terra a ser retomada foi a Fazenda São Lucas, no município de Pau Brasil. Há 18 anos. Fizeram flechas, bordunas, pintaram o corpo.



TRADIÇÃO
 Naiton Muniz Pataxó, 54 anos, é um dos líderes da retomada de terras na Bahia: a ajuda dos mais velhos é essencial para identificar as áreas originais dos índios

A VOLTA

Os índios foram escorraçados de casa. Ficaram 30 anos longe das aldeias, perderam tudo o que tinham. Mas, aos poucos, está chegando mais gente. Outros 2 mil ainda continuam espalhados pelos estados. Nessas andanças perderam a língua materna, como muitos outros povos. Na região, apenas os Fulni-ô falam o idioma.

"Atrás desse monte morava meu avô. Todo litoral aqui era morada de índio velho. Eles mediram isso dizendo que estavam demarcando terra pra índio. Mas estavam enganando nosso povo. Meu avô não tinha lugar pra ir. Morreu de tristeza. Aqui começou muito massacre. Eu não era nascido". Essas são lembranças de Juvino Braz, 32, Apurinã na língua indígena. É parte da memória de sua família, Pataxó, que vivia aos arredores do Monte Pascoal.

Os grupos Pataxó e Pataxó Hã-hã-hã são nações indígenas distintas. Os primeiros são do litoral, seu território tradicional tem 70 mil hectares, incluindo o Monte Pascoal. Os Hã-hã-hã são da reserva Caramuru Catarina Paraguassu, municípios de Pau Brasil, Camacan e Itaju do Colônia, e seu território teria 54 mil hectares.

As retomadas de terras começaram pelos Hã-hã-hã. Em 1982, uma das centenas de cartas bateu à porta de Maura Rosa Titiá, na época com 32 anos. A maior parte de sua vida morara na cidade, no interior baiano. "Eu tinha uns nove anos, não sei direito, nesse tempo eu não sabia nem contar mês... foi quando me deram para uma família em Itabuna, para trabalhar de empregada doméstica."

Mas Maura nunca deixou de ser índia. Hoje, aos 50 anos, já participou de quatro retomadas

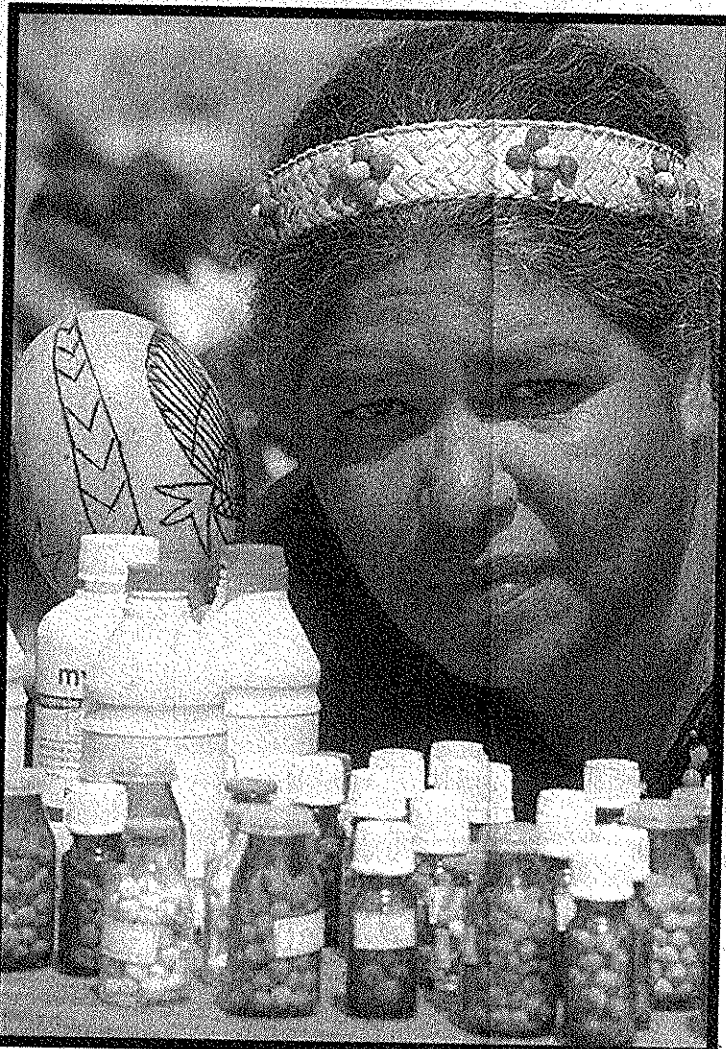
de terras. A primeira foi a fazenda São Lucas. Ela conta como os índios ocupam as terras, enfrentando pistoleiros, policiais. "Os homens vão na frente. Mas a gente não deixa ir sozinhos. As mulheres fazem os rituais. O ritual é que dá força para vencer, livra a gente de muita coisa."

Maura faz parte da coordenação de um grupo de mulheres que está resgatando a medicina do mato há pouco mais de dois anos. As mulheres estão aprendendo com duas velhas Hã-hã-hã, que têm mais de 70 anos. "Elas gostam de fazer os remédios em silêncio. E não gostam de ensinar receitas a todo mundo, porque quebra a força do remédio. Tem um ritual muito forte. Tem remédio que é preciso pisar no pilão, outros têm que enterrar pra pegar a energia da terra. Nosso modo de trabalho é muito delicado", conta.

DEVASTAÇÃO

As Pataxós plantam algumas ervas medicinais. Mas a devastação das matas pelas fazendas que invadiram as aldeias deixou tudo árido. Os rios secaram quase todos. Os índios às vezes têm dificuldades até de conseguir água para beber. As índias têm projetos para irrigação das culturas medicinais e construção de uma cozinha própria para trabalharem, mas por enquanto buscam fora da aldeia as plantinhas que usam para curar e prevenir doenças.

O movimento forte de expulsão dos Pataxó de suas aldeias foi em 1945 e 1946, quando o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) arrendava terras indígenas para fazendeiros, devido à qualidade, que se prestava a qualquer tipo de agricultura, especialmente à cacauieira.



CULTURA
 Maura Titiá aprende e divulga os remédios feitos de ervas para evitar que tradição dos Pataxós desapareça

ra. Em 1952, os latifundiários tinham conseguido expulsar todo mundo. Só ficaram umas 15 famílias, cerca de 50 pessoas, em menos de 50 hectares.

"O administrador do SPI arrendou tudo, dizendo que índio não tinha direito. Só quem tinha direito era grileiro, porque pagava ao arrendatário. Por isso entrou tanto grileiro", contou o cacique da aldeia Panelão, Samado Santos, ao Correio Braziliense

em agosto de 1997, dois meses antes de morrer (out/97), aos 70 anos. Ele foi um dos poucos índios que nunca saiu da Área Indígena Caramuru Catarina Paraguassu.

Samado foi perseguido, preso, ameaçado. Foi uma das mais expressivas lideranças pataxós. Muitas vezes chegou a ser escorraçado de casa. "Só não me mataram porque corri. Os cachorros dos jagunços andavam

atrás de mim igual caça." Ele retornava sempre. Resistiu. Brigou muito com autoridades, na Bahia e em Brasília. Muitas vezes esperou durante horas ser recebido em palácios para tratar sobre a integridade do território indígena.

Em uma pasta de couro surrada, guardava documentos do Serviço de Proteção ao Índio. "(...) De ordem do senhor diretor da Agricultura, deveis providenciar urgente reintegração de posse ao índio Samado Santos nas terras de sua propriedade", determinava uma ordem do chefe da superintendência administrativa do SPI, Nelson Peres Teixeira. "Carece mais testemunha?", perguntava Samado, ironizando a respeito da posse do território tradicional dos Pataxós.

As ameaças não adiantaram. Já velho, cego de um olho, o cacique levantou a voz firme quando perguntado se não estava cansado de tanta luta. "Não cansei, e nem canso!" Até morrer, Samado continuou vivendo na aldeia Panelão, em uma casinha de madeira, onde para se chegar é preciso vencer uma longa caminhada morro acima.

A perseguição aos índios é muito antiga. Em 1936, por exemplo, o governo da Bahia e forças policiais chegaram a enviar uma tropa às aldeias Pataxó Hã-hã-hã por considerar que seriam uma célula comunista. Alguns jornais baianos da época registraram, mas há poucas informações documentais sobre o que aconteceu realmente. "Existem apenas relatórios militares", diz a antropóloga Maria Hilda Baqueiro Paraíso, que em 1976 fez um levantamento para a Funai que comprovava que os 54 mil hectares do antigo Posto Indígena realmente eram área indígena. Mas ela assegura terem sido colhidos vários depoimentos entre participantes da expedição militar, moradores antigos da região e pessoas que, mesmo à distância, participaram da investida.

A "Revolução Comunista", como foi chamado o episódio, nada mais foi do que outra tentativa de expulsão dos Pataxós,

já que o chefe do posto indígena, Telésforo Fontes, ao contrário de seus antecessores no SPI, atrapalhava as grilagens. "Afirma o comandante da tropa ter descoberto grande quantidade de manifestos mimeografados dentro do PI", relata Maria Hilda em seus estudos. "Parece-nos ser algo difícil para a época e o local a presença de um mimeógrafo e de panfletos, escritos por pessoas na maioria totalmente analfabetas."

Foram sucessivas violências. Alguns Pataxó contam que, naquele tempo, as crianças eram ensinadas a não chorar, para não atrair pistoleiros, que eram muitos na região. Por causa dessa história e por muitos crimes em um passado recente, Pau Brasil é conhecida no sul da Bahia como cidade violenta. "Lá se mata um hoje e deixa outro amarrado para matar amanhã". Essa frase é comum na região. Além de muitos índios mortos e desaparecidos, os Pataxó Hã-hã-hã contam 13 lideranças assassinadas na luta pela terra entre 1986 e 1997.

ORGANIZAÇÃO

O presidente do Conselho de Caciques, Naiton Muniz Pataxó, 54 anos, explica que as retomadas foram possíveis por causa das informações dos índios mais velhos. "Eles conhecem a terra deles, conhecem todo mundo. Sabem onde morava cada parente." Segundo Naiton, na última retomada feita pelos Hã-hã-hã em novembro, mais dez famílias retornaram ao território tradicional. E cada grupo novo que chega vai se incorporando ao povo, para contribuir com novas ocupações de fazendas. Agora, as cartas não são mais necessárias. "Não precisa mais escrever. Os parentes ficam sabendo pela televisão."

As escolhas das áreas a serem retomadas partem de decisões de lideranças em reuniões por microrregiões. "Os índios escolhem as áreas, depois voltam para casa. Fazem farinha, caçam, pescam, preparam-se para a ocupação", conta. Os índios há muitos anos tentam resgatar as terras por meio da Justiça, mas decidiram não ficar apenas dependentes das decisões dos tribunais.

Naiton diz que agora a principal luta é a conquista do território do Monte Pascoal, com a participação efetiva dos Hã-hã-hã, que continuam a lutar por mais 50 mil hectares de seu território, ainda posse de fazendeiros. O presidente do Conselho de Caciques conta que a área indígena Monte Pascoal é tradicionalmente de 70 mil hectares mas, em 1961, o Parque Nacional com o mesmo nome foi criado, retirando 22.500 hectares (por isso os índios pensaram que o governo estaria marcando o território deles). Em 1980, foi demarcada uma fatia de 8.622 hectares, destinada aos Pataxó — mas eles não aceitam.

As retomadas não têm idade. Luciana Ferreira, 68 anos, está disposta a enfrentar o que der e vier para morar na aldeia Barra do Cahy — de onde, durante a Conferência Indígena em Cabralia, os índios foram expulsos a tiros. "Lá tem o cemitério, os velhos foram sepultados lá. Os brancos chegaram a disserem que a terra era deles. É muito triste. Não gosto nem de falar. Os índios foram tudo embora, não ficou ninguém. Eu era moçinha, lembro. Bateram no meu pai, bateram na minha mãe. Me revolté e não quis mais ficar lá. Agora queremos a terra. É boa. Tem lugar pra pescar."